



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADA CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

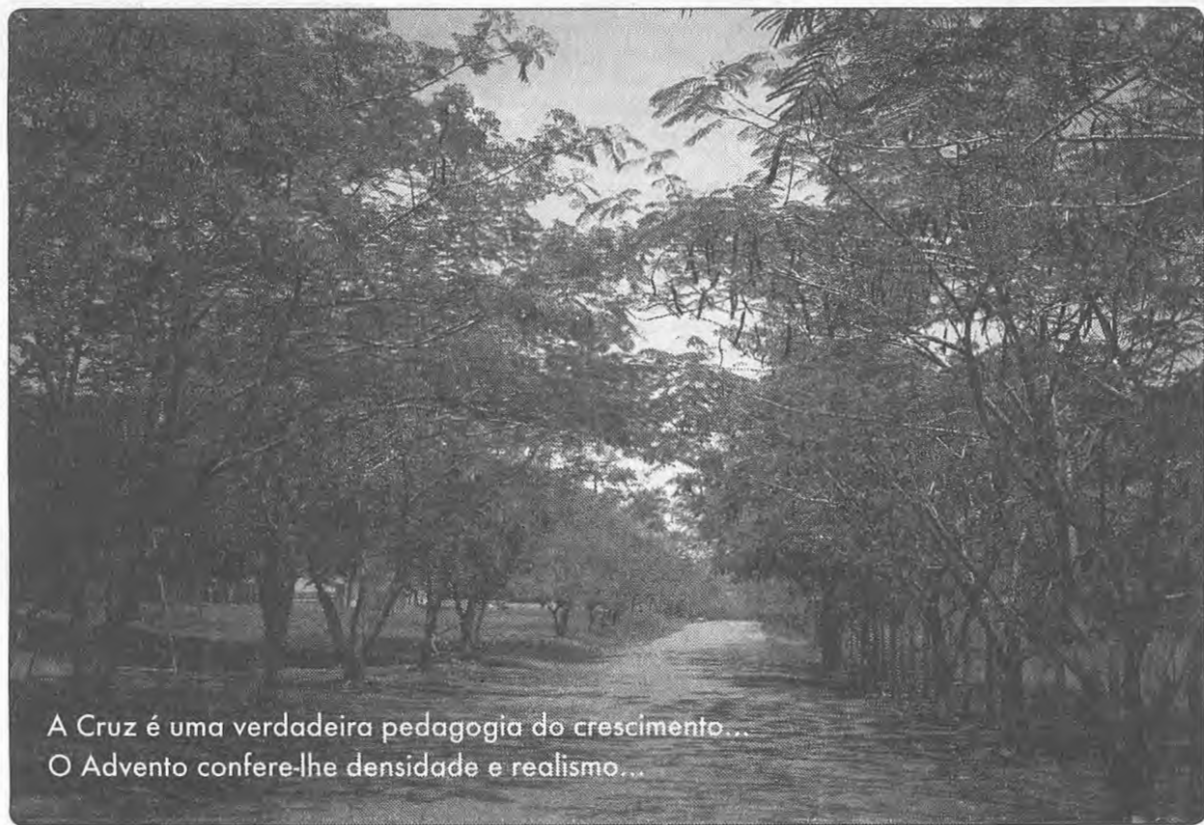
Obra da Rua Gaia

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envolvi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

8 de Dezembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1663
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



A Cruz é uma verdadeira pedagogia do crescimento...
O Advento confere-lhe densidade e realismo...

Advento

ONTEM celebrámos a Festa de Cristo Rei. Foi o termo de mais um Ano Litúrgico. A densidade e o realismo da Palavra de Deus descodificam o significado desta solenidade litúrgica.

O trono de Cristo, fica bem patente para a história de todos os Tempos, é a Sua Cruz. Braços abertos ao mundo na verticalidade da Céu — origem e consumação de toda a autoridade.

O trono de Cristo, na perspectiva da Cruz, permanecerá sempre como crítica contundente de todo o poder instituído em qualquer ordem e latitude.

A Cruz é uma verdadeira pedagogia do crescimento, um barómetro da maturidade humana e dos povos. Elevado na verticalidade do Céu, da qual sempre dependeu sem defeito nem cedência alguma, Jesus Cristo estendeu os braços e a coração numa experiência única de comunhão com o Céu — «Pai qual é a Tua vontade?» — e com o homem, com a sua fragilidade e a sua debilidade, com os mais Pobres e excluídos, os desertados e os pecadores, os revoltados, os cantritos e humildes — «Solva-te a Ti mesmo e a nós também...» «Jesus lembra-Te de mim quando estiveres no Teu reino.»

Braços abertos e coração rasgado à eternidade «hoje mesmo estarás comigo no paraíso».

Não se trata da simples ou complexa «agenda» da solidariedade. Que nos adiantaria um Salvador simplesmente solidário? Trata-se do nosso eu profundo, carente de eternidade, de salvação. Salvação que não pode vir, cabalmente de nós próprios, mas da entrega amorosa e confiante no coração do Outro divina e na comunhão inquestionável com os outros tratados como iguais, como irmãos.

Uma tal contemplação da Cruz não pode deixar de nos questionar para atitudes eclesiais de serviço e de humildade, tão contrárias aos laivos de autoritarismo e soberberia que tantas vezes se aninham no horizonte do

caracção e se manifestam, até, em gestos insignificantes das nossas vidas.

Se a Cruz de Cristo é um verdadeiro tratado de pedagogia espiritual na cominha da santidade, a Advento, em que acabámos de entrar, confere-lhe densidade e realismo.

Muita antes de pensarmos que ao Advento se seguem as Festas de Natal — não raro, com toda uma louca correria mediatizada pela exterioridade e pelo exotismo — havemos de pensar e meditar na surpreendente vinda de Cristo, que tendo já acontecido, no tempo e na história, volta de novo a bater à nossa porta, a tocar o tecido do nosso quotidiano em flashes imprevisíveis onde o invulgar é interpretá-los à luz da surpresa que Deus É. Assim, e até à manifestação do mundo que há-de vir.

Padre João

SETÚBAL

Desconhecimento da realidade da vida

VOU continuar a falar do Cláudio, o rapaz que foi o tema do último *Setúbal*.

O Cláudio veio para nós em situação de emergência. Foi-nos entregue provisoriamente.

Tudo para ele era novidade em nossa Casa. Não estava habituado a uma vida ordenada, com regras a cumprir. Estranhou muito a convivência em grupo, em Comunidade. Principalmente que houvesse responsáveis a quem era necessário obedecer: na Escola, nas obrigações e nos momentos de vida em conjunto com os outros Rapazes.

Não demorou muito a percebê-lo e, a dada altura, tudo fazia para ser o chefe, o que orientava e mandava.

Na Escola depressa passou da desmotivação e dificuldade em se concentrar, para um bom desempenho e interesse em evoluir. Num destes últimos dias disse-me:

— *Senhor Padre, quando vim para aqui não sabia ler. Agora, já sei alguma coisa e, se continuar assim, o senhor professor disse-me que na Páscoa já saberei ler bem.*

Infelizmente não o ouviremos a ler bem. Veio ordem para ser levado de nossa Casa. Certamente na base desta medida estará o seu próprio testemunho feito nas primeiras semanas, evidenciando as dificuldades que teve na inserção inicial entre nós.

Para muitos, parece que a vida não está sujeita a dificuldades e mudança; que o crescimento há-de ser feito sobre esferas sem qualquer espécie de atrito. Puro engano e desconhecimento da realidade da vida.

O Cláudio estava a agarrar-se a nós, com evidentes frutos, e nós a ele, como é bom de ver. Só que o seu futuro é decidido à distância por quem não partilha a sua experiência, com os naturais avanços e recuos.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Só o amor é fecundo

É tão difícil desagregar a rocha para que solte o ouro ou o diamante que esconde, como penetrar nos segredos da alma de um adolescente. Do mesmo modo é, para ele, distinguir, com segurança e clareza por dentro do seu mundo de sonhos e novidades, a sua própria realidade, o que é bom e o que não é bom para ele e dialogar connosco com o mesmo à-vontade que o faz com os colegas mais velhos, nas brincadeiras ou em privado. Trabalhar com a alma dos rapazes é um trabalho divino, cujo fruto não nos pertence.

Há os que crescem e se abrem como a flor, naturalmente; há-os como os fi-

gos, de flor atrofiada, mas seus frutos fartos, nem todos saudáveis; e há-os, ainda, que de flor tão atrofiada que de fruto nem deixam prever e serão uns eternos dependentes. A estes, há que, como dizia Pai Américo, «amá-los mais, amá-los até ao fim. Baste-lhes a desgraça de o serem». Por desgraça nossa, às vezes, é tão difícil que temos de pedir mais a Deus que nos ajude a nós.

Numa Casa como a nossa em que os rapazes são muitos, as oportunidades são mais ainda. Procuramos os meios necessários, para que cada um possa fazer a sua escolha, dentro das suas capacidades e aptidões adquiridas ao longo do seu percurso de crescimento.

Desde o curso básico de agropecuária, donde pode ascender ao médio e Universidade, aos cursos profissionais de electromecânica e mecânica industrial, serralheiro civil ou mecânico, electricista, gestão e contabilidade, hotelaria e turismo, *marketing*, os cursos de saúde, como enfermagem, analista, técnico em medicina, medicina dentária, ao de professor primário ou curso superior de pedagogia, para só nomear os que estão a ser frequentados neste momento, há muitos mais onde inscrever-se. E têm ganho concurso, no meio de centenas, às vezes milhares, de concorrentes. A selecção já é rigorosa. Ouvi que alguém já tenta há quatro anos e não consegue. Podemos dizer que os nossos rapazes têm uma mesa farta.

Há cursos com colocação garantida no aparelho do Estado, nas escolas e na saúde, como de professores, e de toda a área de medicina e agricultura.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«AOS VICENTINOS DE PORTUGAL — Na comemoração do Dia Nacional da SSVV — Ser vicentino não é um mero gesto filantrópico. Exige e desenvolve uma alma nova, algo que vai além do puro sentimento de compaixão. Pode começar por aí, mas gradualmente ascende a uma nova forma de ver o Pobre e a ter uma nova relação com ele.

O Pobre não é imediato, nem uma pessoa atraente e, por vezes, as suas carências deixam marcas no carácter desfigurando-o. É necessário olhar para o Pobre com outros olhos. Com os olhos do Evangelho e vê-lo com o Espírito de Jesus Cristo.

O Pobre é a imagem desfigurada do Senhor, e o vicentino tem de possuir "olhos de ver".

Cada vez que acolhermos Deus, temos de ser fiéis aos nossos compromissos, a perdoar e a esquecer o ódio, a prestar um serviço e a matar o orgulho, a rezar e a nascer para a humildade, a morrer para o pecado e a nascer para a graça, a usar a ternura, a compreensão e a estima, de modo a cumprir o Evangelho, como Cristo o fez durante toda a Sua vida.

Nenhuma forma de pobreza é estranha à SSVV, mas neste dia, lançava o desafio a todos, vicentinos ou não, de ter uma especial atenção em duas áreas: a da terceira idade, com os problemas de maus-tratos, falta de recur-

sos financeiros e, em especial, a solidão; e as crianças, também vítimas de maus-tratos, de violações, de prostituição e redes de pedofilia. Tenhamos todos "olhos de ver", junto das famílias que assistimos, de modo a erradicar, de vez, estas "pobrezas".

Senhor, concedei-nos a Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, a Coragem para modificar as que eu posso e a Saboria para distinguir uma das outras.

Que Vicente de Paulo e Frederico Ozanam nos ajudem.»

Presidente Nacional de Portugal

PARTILHA — Perosinho, assinante 9790: «Junto pequena ajuda em chegue. Neste mês de Fiéis, muito vos agradeço uma oração ao Senhor por todos os nossos que já partiram e que, agora, recordamos com saudade e muita Esperança. Que o Céu os receba em Sua Glória.»

Assinante 43689, de Monte Estoril, com 100 euros: «50 deles são para a Conferência de Paço de Sousa, recordando o meu Marido, Pais e Sogros nunca esquecidos, mas nesta altura ainda mais lembrados.»

Vila Nova de Gaia, assinante 35193, cheque de 50 euros «Para o que for mais necessário.»

Assinante 79482, de Avintes, «uma migalha para minorar o sofrimento e as carências dos Pobres.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MAGUSTO — Em 24 de Novembro, realizou-se, em nossa Casa, o magusto. De manhã prepararam-se as castanhas, fêveras, costeletas e chouriço.

À tarde, foram acesos os assadores e cerca das 16h00 começámos a assar as carnes.

Por volta das 17h00, com a presença dos nossos Padres, João e Carlos, começámos a «dar ao dente». Primeiro as carnes e o chouriço. Depois, as castanhas e, por fim, o caldo verde. Tudo acompanhado de sumos e de vinho da nossa quinta.

Como a noite cai cedo, foram colocados holofotes para iluminar o largo onde se realizou o magusto.

Tivemos a presença de alguns antigos gaiatos, que vivem perto de nossa Casa, com as respectivas mulheres e filhos, e alguns dos nossos Amigos.

Também a visita do «Tainha», que está na Suíça e não vinha há mais de um ano, apareceu, conviveu conosco, deu notícias de si e de outros Rapazes que «andam por lá» e regressou, já noite. Obrigado pela visita. Aparece sempre!

Tudo decorreu em bom ambiente e convívio fraterno, mesmo no bar, para onde fomos televisionar os jogos do Sporting e do Benfica.

Para o ano há mais, se Deus quiser!
Zé Reis

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 51.700 exemplares

DESPORTO — Seis anos depois, voltamos a receber os Juniores do Rebordosa Atlético Clube da A. F. Porto. Apresentaram-se com duas equipas: onze para os primeiros quarenta e cinco minutos, e outros tantos, para a segunda metade do jogo; fora as substituições. Qualquer um deles dava dois dos nossos...! No capítulo do futebol, bom!, trocar a bola, era com eles; e disciplinados a 100%. Mas os nossos Rapazes não foram em cantigas, e em nada lhes ficaram atrás, a não ser na altura, acabando mesmo, por ganhar o desafio. Quando cheguei ao balneário, apeteceu-me... de alegria! Por tudo: pela vitória, e sobretudo pela postura exemplar que os Rapazes, também, tiveram em campo.

Teixugueira já regressou, para os fins-de-semana, das suas andanças profissionais. Chegou, apresentou-se, jogou, não se fez rogado nem «vendeu o peixe caro»; marcou, deu a marcar e continua a ser aquele Rapaz, sincero, amigo e sempre disponível para colaborar. Onze destes?! Era muita sorte! Apesar de haver mais alguns como ele, como por exemplo: o «Pretinho». Nunca este Rapaz levantou o mais pequeno problema. Eu admiro-o! Pela sua coerência, pela sua humildade e pela sua dedicação, sempre pronto para tudo, com aquele sorriso «malandro», como ele! Não é o Teixugueira ou outro qualquer e mais dez! Somos todos juntos, que fazemos o grupo que temos; de qualquer maneira, não deixa de ser uma referência! Já lidamos com ele desde pequenino: «O nosso cárcere é às avessas dos demais: não somos nós que os prendemos; são eles que se deixam prender, numa Casa de portas abertas» — dizia Pai Américo.

Com golos de «Bonga» (2), Abílio (1), Teixugueira (1) e «Bolinhas» (1), contra dois do «adversário», foi o que se pode arranjar para o resultado final.

Uma semana depois, foi a vez de recebermos os Juniores do Sporting Clube do Campo, também da A. F. Porto, com quem já tínhamos jogado em 2005.

Um jogo impróprio para cardíacos! Começamos por sofrer o primeiro golo. Até ao 4-4, foi o jogo do gato e do rato; ora marcas tu, ora marco eu. O Campo é uma equipa de luxo; a nossa: de cinco estrelas. Os nossos Rapazes estavam «endiabrados» e resolveram dar festival! Depois do referido empate, não quiseram brincar mais. Fizemos o 5-4 e só pararam no 7-4, resultado final.

Todos estiveram bem. Bem, é favor! Não é que me apeteça destacar quem quer que seja, mas ficava com peso na consciência, se não dissesse que Abílio foi o rei das assistências, para além de marcar dois golos daqueles que só quem tem garra, força, dinamismo e joga com alegria, consegue fazer o que ele fez e normalmente faz. Boca não tem. Mas tem uns pés, que no meu tempo, muito gostava de os ter!... Ilídio, não lhe ficou atrás. «Russo», é um «esteio»...!

Os marcadores de serviço foram: Abílio (2), «Bolinhas» (2), Ilídio (2) e Ricardo Sérgio (1). Um jogo de loucos! De loucos com sentido de responsabilidade. Em trabalho não se brinca. E um jogo de futebol para eles é coisa muito séria! Defender as nossas cores, é um orgulho e ao mesmo tempo uma obrigação. Mas atenção: sempre com dignidade e com respeito pelo «adversário».

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

VISITANTES — O Natal 2007 aproxima-se e a nossa Família é lembrada com carinho. Assim, no dia 24 de Novembro, Sábado, a nossa Casa foi invadida por uma grande concentração de motards, de várias regiões de Portugal, unidos e liderados por Nuno Santos. Os Rapazes ficaram cheios de alegria com a amizade e as máquinas que viram. O leite que trouxeram é precioso. Utilizaram o nosso bar e transportaram quase todos os Rapazes, à volta da nossa quinta. Muito obrigado a estes Amigos, que tiraram várias fotografias de grupo e a quem oferecemos lembranças.

PEIXE — De vez em quando, ouvem-se carrinhas, para transporte de peixe, a apitar no átrio da Casa, junto do nosso poço. São vendedeiras de peixe, que vêm trazer alguns cabazes que não conseguiram vender. Bem-haja! O peixe é importante na nossa alimentação e não se deve lançar fora.

CARNE — Uma empresa de Miranda do Corvo (Gracarnes) avia, à sexta-feira, uma porção de carne (de porco), em especial para o nosso almoço de Domingo. Muito obrigado!

PRODUTOS AGRÍCOLAS — De Lousada, da Lentisqueira, de Vila Seca e de outras localidades, às vezes, chegam-nos produtos agrícolas para confeccionar as nossas refeições. Bem-haja a todos! São Amigos que não queremos perder.

BENS ALIMENTARES — Vários Amigos têm-nos trazido alguns géneros alimentícios para a nossa despesa e, assim, evitam algumas despesas.

Alguns pais das crianças da nossa Escola do 1.º Ciclo ofereceram leite. Muito obrigado! A mercearia e os produtos de higiene e limpeza consomem-se todos os dias.

DOCES — Um casal de engenheiros, do Porto, tem sido fiel, desde Paço de Sousa, na confecção e oferta de compotas, de vários frutos, em frascos, rotulados. Estamos muito gratos, Amigos perseverantes!

Um Amigo de Pampilhosa da Serra veio trazer mel. Obrigado!

PORTÃO — «Nós somos a porta aberta» — escreveu Pai Américo, sobre as nossas Casas da Obra da Rua. Acontece que as nossas portas só devem estar abertas para entrar o bem... Há dias, voaram dois faisões. Assim, foi necessário executar e colocar um portão simples, de correr, na entrada grande, próxima da nossa Escola do 1.º Ciclo; e que não ficou nada barato.

O portão junto à ntreira, também, foi arranjado.

VIDROS — Os vidros partidos, das janelas dos edifícios das oficinas e dos anexos agropecuários, estavam a merecer arranjo. Recolocar vidros novos é uma tarefa necessária e muito dispendiosa, para se fazer aos poucos.

OFTALMOLOGISTA — O Sr. Dr. Vivelindo Branco é um Médico de oftalmologia que tem consultado os nossos Rapazes, generosamente. Bem-haja! Quando as lentes são receitadas, é preciso ter muito cuidado com os óculos, porque são caros. Alguns têm vergonha de os usar.

CURSOS — Quando o ensino técnico foi unificado, houve uma grande perda nas escolas, com consequências negativas na sociedade portuguesa.

Nos últimos anos, têm surgido vários cursos, com relativa colocação nas empresas.

Alguns dos nossos Rapazes, no corrente ano lectivo, estão a frequentar cursos técnicos, no distrito de Coimbra, a saber: Escola EB 2,3 Senhor da Serra/CEARTE — Rúben Silva, Jardinagem (8.º ano); Escola EB 2,3 da Lousã/CEARTE — Ricardo, Serralharia (8.º ano); Escola Secundária Avelar Brotero — Fábio, Climatização (10.º ano), e Rúben Fonseca, Electricidade (11.º ano); Escola Secundária D. Dinis — João Pelengana e Vítor, Carpintaria (9.º ano); Escola EB 2,3 Silva Gaio — Bruno Silva, Informática (8.º ano), e Nélson, Cozinha (8.º ano); Colégio S. Martinho — João Pedro, Cozinha (9.º ano). Muito obrigado às Escolas que acolheram os nossos Rapazes.

D. MARIA DO ROSÁRIO — Em todas as famílias, é imprescindível o lugar da mãe. Nas Casas do Gaiato, é uma vocação especial, de serviço aos Rapazes. A Senhora D. Maria do Rosário está conosco há 57 anos! E, actualmente, entregue aos cuidados da Senhora D. Nazaré. É visitada por antigos Gaiatos que criou. Era bom que conseguisse andar.

SEMANA DOS SEMINÁRIOS — De 11 a 18 de Novembro, decorreu um tempo especial de oração e partilha, pelos Seminários diocesanos, com o lema: «No Seminário cresce o futuro». Neste sentido, o Responsável da nossa Casa esteve presente, com o Belizário, na Vigília de oração pelos Seminários, no dia 15 de Novembro, quinta-feira, na Capela do Seminário Maior de Coimbra, presidida pelo Sr. Bispo, D. Albino Cleto. Neste Seminário, foi

admitido e ordenado Padre Américo, com 41 anos, a 28 de Julho de 1929.

No dia 18 de Novembro, na Capela da nossa Casa, a Eucaristia dominical foi dedicada especialmente aos Seminários. Lembrámo-nos do Sr. Padre Horácio e, por essa intenção, culminou com a Adoração ao Santíssimo Sacramento, em que rezámos a Oração indicada para essa Semana, com a súplica: «Fazei dos nossos Seminários sementeiras de amor, de serviço e de entrega radical pelo vosso Reino».

Ser Padre é uma vocação indispensável na Igreja e no mundo.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

POMARES — O «Lota» e o «Monchique» andaram a podar as árvores de fruto e as videiras. Na poda cortam-se os ramos secos e os que enfraquecem a árvore. A poda precisa de ser feita para que a árvore se desenvolva e dê melhores frutos.

PISCINA — No Verão a nossa piscina perdia água. Para evitar essa perda, o senhor Paulo e o «Monchique» andaram a picar as paredes nas zonas onde se perde água e, depois, será colocada uma massa para isolar. Esperamos que a obra fique bem feita para que, no próximo ano, a piscina não perca água.

ARMÁRIOS NOVOS — Os novos carpinteiros, o André, o Fábio e o Ângelo, estão a fazer uns armários para os Rapazes da casa 3 por em as suas coisas. Esperamos que os Rapazes, com os novos armários, tenham as suas coisas melhor organizadas e arrumadas.

SERRALHARIA — Os serralheiros estão a fazer grades novas para as janelas dos quartos. É um trabalho feito pelo Nuno, «Zeca» e «Caras Lindas», orientados pelo mestre da oficina. Para fazerem as grades precisam de tirar medidas, cortar o ferro, moldar, soldar, rectificar as soldaduras e pintar.

CAPELA — Estamos a fazer obras na nossa Capela. Vamos pôr um chão novo, em madeira e granito. Também já foi posta uma instalação sonora para que as pessoas possam ouvir melhor e escutem melhor a Palavra de Deus.

João Carlos

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Aproximando-se mais um Natal e consequente mudança de ano, não queremos deixar passar a época sem enviarmos a todos os nossos colegas, suas famílias e aos muitos Amigos, Bem como para todas as Casas do Gaiato, em Portugal e em África, em especial para os seus responsáveis e colaboradores e, ainda, às restantes Associações de Antigos Gaiatos, não esquecendo todos os que continuam a confiar e a ajudar os Gaiatos, os nossos



Actividades Editoriais

DA tese do doutoramento de D. Maria Manuela Lopes Cardoso, *AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR — Um pedagogo profético numa época controversa* — graças a Deus foi um sucesso a adesão dos nossos Leitores e Amigos ao pedido que na edição de 29 de Setembro fizemos: que, por sua reserva atempada, permitissem dimensionar a tiragem do livro de modo a que o seu preço fosse o menor possível. Foram largas centenas os que responderam e nos proporcionaram a ousadia de dizer ao Editor que desta vertente de «mercado» contasse com mil exemplares.

Agora, o desejo manifestado é de que a edição não tarde e possa constituir um regalo de Natal. O Editor confirma-nos que sim: será. E nós aqui estamos dando esta notícia que vai mitigar o desejo dos próprios que se manifestaram e certamente de outros com quem estes tencionam partilhar o mesmo regalo natalício. Quem dera, pois, que quando esta notícia vos chegar, nem fosse precisa porque o livro está já nas vossas mãos. Porém, se não estiver, aqui fica a certeza de que por esses dias estará.

Padre Carlos

Setúbal

Continuação da página 1

Ouvia, hoje, um importante responsável pelas ditas crianças em risco, dizendo que é preciso aprendermos com o que se faz noutros países para melhorar o serviço prestado.

Continuamos incrédulos nas nossas capacidades e na experiência de Obras como a nossa. Procura-se justificar erros e maus resultados, com a

falta de actualização, quando se anda, há décadas, a mudar as leis e a forma de trabalhar com estas crianças.

Desde o nascimento, senão antes, que a criança está imbuída de uma vontade própria. Tem também o desejo de realizar o bem. A quem educa, compete-lhe esclarecer essa vontade e a inclinação para o bem, tantas vezes mal orientados. A força para viver e crescer é inata no ser humano. No entanto, precisa de quem ampare, esclareça e revele o melhor objectivo por que lutar em todos os momentos da vida. Apesar

disto, a opção tem de ser sempre livre, mas também responsável.

Uma educação assim tem grandes custos; não tem preço! Isto obriga a uma dádiva total. Quem se dispõe a tal?

Como há poucos que o façam, vai-se em busca de receitas milagrosas no estrangeiro, que já provou não a ter nem ser capaz, pondo adultos a substituir a criança naquilo que só ela deveria fazer, com autonomia, liberdade e responsabilidade. O resultado é um sistema pervertido, de que não são as crianças as beneficiárias.

Padre Júlio

Moçambique

Continuação da página 1

Outros que por via do estágio que têm de fazer nas empresas onde nos atendem, já está garantida colocação imediata.

Ora, por via disso e porque estamos bem experimentados nas dificuldades de ajudar este povo a desenvolver-se, que está em grande desvantagem em relação aos rapazes, assusta-nos o quanto é moroso o aprovei-

tamento integral de tudo quanto lhes proporcionamos. Alguns mesmo chegam a adultos sem saberem que o são e temos quase de negociar propostas com eles, para ver se mordem a isca como o peixe.

Pai Américo dizia: «vivo a angústia da Obra que criei», frase que tem muitas valências a começar pela falta de jovens Padres que sintam misericórdia pelos mais fracos. Mas não menos nos angustia que os rapazes não se libertem mais cedo das cargas negativas que herdaram, e ganharam na infância descuidada, por falta de família.

Só o amor é fecundo, só Deus transforma.

Padre José Maria

UM APONTAMENTO

O ciclo da vida

O Verão terminou com a entrada do Outono revestido de tons coloridos que nos fascinam. Folhas envelhecidas que vestem a natureza, desfalecem dia após dia com sopros dos ventos frios e gélidos.

Prostrados no solo, formam tapetes de rara beleza, deixando-se recalcar à nossa passagem sem que nos demos conta.

Sinal de vida e morte pela qual nos desperta sentimentos e sensibilidade para tudo o que de mais belo e perfeito existe à face da terra.

Como é bom ter presente, tudo o que nasce pela força da luz e do amor. São as maravilhas da natureza que nos fazem pensar de que vale a pena viver, um exemplo que a seu tempo enquanto vida segue o caminho natural das coisas.

As sementes caem de maduro e renascem para a vida com mais vigor, o Outono marca muitas vezes o fim das nossas vidas pelo cansaço e envelhecimento ficando apenas as recordações das boas obras.

Com a chegada da Primavera, desabrocham os novos rebentos vestidos de folhas, flores, frutos deliciosos e perfumados, cumprindo-se assim, o ciclo da vida.

Também nós, somos a semente boa, que pela graça de Deus, somos lançados no ventre fértil, até ao dia em que despertamos para uma nova vida, assim fazendo parte deste universo.

Quero deixar um alerta para os mais distraídos, que parem por um só momento e aproveitem bem, o que de melhor nos dá esta vida.

Cabe-nos enquanto vida, dar exemplo de humildade, amor, compreensão e perdão para com o nosso semelhante, se assim o fizermos, seremos muito mais felizes.

Que o fruto suculento da semente boa, mate a sede a tantos e tantos outros que procuram a fonte pura e cristalina.

Aproveito esta nota para agradecer a todos que contribuíram com bens de primeira necessidade, para que o nosso contentor carregado de coisas boas fosse uma realidade, fazendo felizes tantos gaiatos angolanos, para um Natal feliz, em paz e amor.

Aos nossos bons e amigos leitores, peço-lhes o testemunho das nossas preocupações e o nosso modo de vida terrena, aos seus filhos e netos.

Que o Natal traga para todos, paz, concórdia e amor em Deus.

Júlio Silva

mais sinceros votos de Feliz Natal e um 2008 o melhor possível.

Também não podemos esquecer todos aqueles que, por alguma razão ou simplesmente por doença, não estejam nas melhores condições para festejarem esta Quadra, que é, sobretudo, familiar, mas cada vez mais comercial.

A todos estes, enviamos a nossa solidariedade e desejos de que recuperem das suas dificuldades.

Manuel dos Santos Machado

MOÇAMBIQUE

MAMÃ/PAPÁ — Dois simples termos de tratar quem nos ama e nos educa com esse seu amor, que nunca termina. Foi desta forma que eu me despedi da nossa Casa do Gaiato de Maputo. O amor, o carinho, o respeito

e a educação eram tão evidentes que me deixaram com vontade de lhes dar tudo o que tinha, mesmo que esse tudo se resumisse ao meu nada.

Peço, uma vez mais, desculpa aos Rapazes da Casa do Gaiato de Moçambique, nossos irmãos, por não ter conseguido estar a bom nível físico para os poder ajudar no Grupo Desportivo (prometo que um dia venceremos juntos). Para ser sincero, perdemos nos dois jogos em que participei, ao lado

DOCTRINA



A doutrina do sétimo Mandamento

NO dia em que fazíamos o peditório na Igreja de S. José, Póvoa de Varzim, aconteceu ir ficando sem a carteira um senhor que por ela puxava, a fim de dar um donativo a um dos rapazes da saca. Foi o próprio rapaz que mo disse. O Povo deu fé. Houve alarme. Era um carteirista a manobrar. Eu já fiquei uma vez sem carteira e sei quanto isso custa. Não me roubaram. Deixei-a sobre um balcão e nunca mais tive luzes dela. Há dias, os jornais contaram que em Leixões, ao desembarcar, um homem que se sentiu roubado, enlouquecera. Caso fulminante, este; mas qualquer outra ferida derivada de um roubo custa sempre muito a curar.

DANTES, quando eu andava pelas cadeias, era sempre por aqui que eu pegava na doutrina do sétimo Mandamento, quando me dirigia aos reclusos. Não sabia os crimes, nem isso era da minha conta. Eu era ali um embaixador de Cristo. Defendia os seus interesses. Abria as feridas que os ladrões causam na alma das vítimas e deixava correr o sangue. Eles estavam ali a escutar. Naqueles grupos, numerosos por vezes, não podia faltar o crime do roubo. Se naqueles criminosos houvesse ainda alguma coisa de aproveitar, só por este caminho. Assim entrava eu nas prisões: «Não é a galinha que tu furtas àquela mulher; é o que ela sofre pela sua perda. O seu arranjo! Só tinha aquela!» É o Evangelho. Se verdadeiramente amamos, como podemos furtar?!

OS jornais diários não descem a estas minudências. Talvez por este as dar, seja chamado por muitos «o melhor jornal do mundo!» Os jornais diários relatam os factos. Há colunas deles. São notícias muito lidas. Serão igualmente meditadas? Quem procura as causas? Quem vai às origens? Eu cá não sei nada. Não posso ler. O que tenho aprendido é tudo de cor, do meio desta gente. E na minha ciência adquirida, posso dizer que há algo pior do que um Povo sem moral; é a moral da classe de gente a que me consagrei. O roubo é uma profissão honesta. Carteiras, é uma especialidade. Quadrilha, um organismo social.

— Que fazes tu?

— Eu sou carteirista.

Quanto não aprendi eu da conversa que começou assim com alguém, algures! Na vida desta gente derrancada, há convicções, há heroísmos, há lealdade. Um corpo de doutrina. Eles têm a sua moral.

ERA de uma vez um homem que saiu de cumprir pena e veio ter comigo. Novo, face rasgada, inteligente. Ouvira falar da minha vida e queria ajudar-me. «Eu sou um moedeiro falso.» Era a sua profissão. Apresenta-se tal e qual. Conversámos. Ainda hoje sei o dia e o lugar da nossa conversa, pelo que então aprendi. O moedeiro queria ajudar-me. «Eu tenho o dinheiro. Você terá todo o dinheiro de que precisa.»

EU escutava. Chegou a minha vez de falar e falei. Pus a doutrina. Disse da fraude. Fui buscar o dogma da presença de Deus e suas conclusões. Tudo em vão. Era tarde. O moedeiro já tinha a sua consciência formada. A sua moral. Dezenas. Muitas dezenas de rapazes que nós abrigamos, vêm daquela doutrina. São daquela moral. Não podemos construir, sem primeiramente destruir o que eles beberam no leite. É decálogo contra Decálogo. Eles trazem o seu. Nós temos de impor o nosso. «Hoc opus!» Desanimar? Não. Então quê? Um acto de fé. Fé na existência da alma; nas suas potências; nas suas possibilidades. Fé na Verdade. Acreditar na caducidade da mentira. O decálogo deles deixa cair as folhas no clima da nossa Aldeia. Deixa-as cair a seu tempo. Leva tempo. O decálogo deles é uma herança. Eles são a herança do nosso não fazer caso. Ainda hoje se cuida que tudo se resolve entregando esta gente à Polícia! Outro decálogo! Mas ele há um só. É o do Sinai. Nem Jesus Cristo lhe buliu e mais é o Mestre. Quem não cumprir um dos Mandamentos é como se não tivesse cumprido nenhum. É um bloco a Verdade! E se alguém lhe mexe, por muito grande que pareça ou cuide ser, é chamado mínimo na Assembleia dos Homens Justos. O mínimo!

Padre Carlos

[Do livro Doutrina, 1.º vol.]

dos meus irmãos, no primeiro por 2-1 e no segundo por 4-1 — catastróficos resultados em comparação com as exibições dos Rapazes.

A todos os que se empenham pelo bem-estar das Casas do Gaiato uma saudação especial proveniente do fundo do meu coração — onde tudo começa quando amamos alguém.

Para ti mamã, para ti papá e para todas as tias que dedicam a sua humilde vida, para verem o próximo esboçar um sorriso esbelto e saudável, quotidianamente, um beijo especial, fruto de um impulso solidário do meu coração (vocês sabem quem são).

Pedro Caliano («Bonga»)

Cantinho dos Rapazes

ESTIVE em Retiro espiritual fora de qualquer das nossas comunidades — e nunca tão perto de vós como em ocasiões assim!

Estive por mim, para tratar de muitas debilidades de alma que ainda se verificam, apesar dos anos que, naturalmente, diminuem as forças físicas e, concomitantemente, deviam fazer crescer as do espírito. Da alma temos todos de cuidar com atenção carinhosa e muita paciência até ao fim. Pai Américo, humilde que era e em purificação incessante no seu levar a cruz, desabafava muitas vezes nos últimos tempos que ele adivinhava próximos da sua páscoa: «Eu sou um retrógrado». Que diremos nós?!

Estive por mim e para vós estes dias em que vos olhei mais serenamente do que sou capaz na freima diária das nossas Casas. Fui lembrando cada um com suas virtudes e defeitos, com o peso de traumas antigos difíceis de sarar, os quais diminuem a boa forma psíquica e, em alguns, constituem névoa que nos impede de ver claramente os seus limites de responsabilidade. Talvez porque mais experimentado e disponível, sinto hoje, mais do que em décadas passadas, a aflição desta perplexidade. E sinto igualmente maior a necessidade de compreensão e ajuda, neste esforço de compreender e aceitar esses, da parte dos outros que, graças a Deus, gozam de boa saúde psíquica e, por isso, julgo sem

hesitação capazes desta responsabilidade. Vedes bem que, por uns e pelos outros não faltou em quem pensar nem por quem rezar: uns, para que cresçam na sua auto-estima, aproveitando em cheio as oportunidades que o presente lhes oferece; os outros, para que cresçam em generosidade.

Poucos que são e gastos que estão os vossos padres, mais do que nunca se impõe a fórmula em que Pai Américo pensou e fundou a nossa Obra: «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Quem sabe se não dependerá da vossa determinação a força que atrairá jovens como vós, que se preparam para o sacerdócio, a vir realizar convosco este ideal de servir?... De que também depende, não duvido.

Foi muito bom o Retiro e também uma experiência única! Orientou-o o nosso Bispo. Orientou e fê-lo connosco, irmanado em tudo com os seus padres, sem nada que o distinguisse ou separasse no viver aqueles dias senão ser ele a propor as meditações e a presidir à oração. Foi um exercício exemplar do seu programa de Pastor, simples de dizer e exigentíssimo no realizar, que anunciou na chegada à Diocese: «Conhecer, amar e servir». Deus o guarde e nos ajude a todos a aprender e a assumir um exemplo tão belo!

Padre Carlos

Malanje

O Adão chorou na minha presença ao relatar-me a situação da mãe: — Ela está cega e quase paralítica (arrasta-se pela casa)...

Há meses, pedimos (eu e Adão), à Caritas uma pequena ajuda semanal. Que sim, mas logo falhou... «uma coisa demasiado pequena para a estrutura...» A verdade é que, nestes pequeninos gestos de amor, está bem viva toda a verdade e beleza do Evangelho.

O Adão irá todas as semanas levar uma pequena sacola com o nosso pão repartido.

Deixemos as coisas grandes para os grandes.

O Tengua tem sido uma desgraça! Nem estuda, nem emprego, nem juízo...

Veio, há dias, dizer-me que se tinha inscrito num curso de serralharia; que queria ser outro; e queria vencer...

Fui-lhe dizendo que isso me alegrava, mas que ainda estava um pouco incrédulo.

Ele que sim, eu ia ver.

— Pois que todos vejamos — respondi.

Veio hoje apresentar-me a esposa e a sua filha — uma linda menina!

— Mais linda do que tu, Tengua!

Ele sorriu.

— E o teu curso?

— Tirei 18 valores no primeiro exame!

Será este o meu rebuçado de Natal?!

Os Rapazes gostam muito do nosso Padre Rafael que entrou na Obra e está na Casa de Malanje.

Hoje, está juntando os «coletes» com o Calibre. Calibre de nome e de marca!

Temos perdoado tanto ao Calibre!

Entrou, durante a guerra, na Carianga. Fazia um rico café numa lata.

— *Café de lata* — dizia-nos.

Era o chefe do grupo que lá habitava. Tudo o vento levou...

Não é mau, mas fora da realidade. Vamos ajudá-lo no seu princípio de vida.

Padre Telmo

BENGUELA

Todos muito unidos

ESTOU a escrever-vos com a música de fundo do martelar nos ferros na oficina de serralharia. Os artistas são os Rapazes. O mestre foi um dos nossos, da primeira geração. Tem, agora, 53 anos. Recebi-o pequenino. Cresceu, fez-se homem, constituiu a sua família. É, desde há vários anos, um dos obreiros na construção do homem em cada Rapaz, na oficina de serralharia. Quem nos dera assim fosse noutros sectores da nossa vida!

Participei, há poucos dias, numa reunião oficial para tratar do futuro das crianças da rua. São muitas. A tendência é para serem mais, se não houver mãos bem presas ao coração e à cabeça que as segurem, a tempo e horas. Poderão ser, num futuro próximo, um foco de instabilidade social. Há, pois, necessidade de as ajudar a ocupar o tempo, juntamente com a preparação escolar. O futuro delas passa, sem dúvida, pela escola. É o primeiro passo. Contudo, a fra-

gilidade do meio familiar, quando existe, é de tal ordem que a rua tem mais força e prende-as. Necessitam, pois, duma ocupação útil para os tempos livres da escola.

A formação profissional, como parte integrante do processo educativo, é uma mais valia importante para o futuro das crianças, adolescentes e jovens. A escola, a partir dum certo nível, não está ao alcance da maioria absoluta desse grupo social. Temos que encontrar as respostas mais ajustadas. Por isso, as nossas oficinas são o espaço onde os filhos ocupam os seus tempos livres do estudo e das aulas. Fazem-no, ao seu gosto, tanto quanto é possível. Recebem na escola a formação geral teórica, necessária ao seu desenvolvimento, até onde forem capazes. Também até à Universidade. Nas oficinas e outros locais de trabalho prático completam a sua formação.

Quem dera as crianças, adolescentes e jovens, que fazem da rua o

seu espaço habitual, tivessem centros de ocupação formativa, em ordem a um futuro digno e seguro para a própria sociedade. Compreendo, por isso, a preocupação das entidades oficiais com o problema dos filhos da rua. Querem que a Casa do Gaiato abra as suas portas a um maior número. Acreditam no caminho certo que estamos a seguir, desde o princípio.

Porém, quanto maiores são as comunidades mais dificuldades existem no seu acompanhamento. A Casa do Gaiato não quer ser um armazém de rapazes. Nunca! Nasceu para ser a casa de família dos sem família. Houvesse vocações para este serviço de amor a bem da Nação e da Igreja, mais Casas nasceriam, porque tão necessárias são, nesta hora!

Um responsável pelo Governo local lançou-me este desafio, há algum tempo: «Levai para outras cidades de Angola a vossa experiência no serviço à criança da rua».



Uma característica desta Casa do Gaiato é a abundância de pequeninos: os «Batatinhas».

MOMENTOS

Belezas da Casa de Moçambique

UMA das características mais agradáveis e mais notórias desta Casa do Gaiato é a abundância de pequeninos: os «Batatinhas» como, entre nós, sempre foram chamados. São à volta de vinte, até aos seis ou sete anos. Um tem dois anos e meio. Há vários de três e quatro anos que foram aqui criados desde os primeiros dias de vida.

Os «Batatinhas» foram o primeiro encanto das pessoas que visitam as Casas do Gaiato, e muito mais das que nelas vivem e os servem dando-lhes maternidade, paternidade e fraternidade.

Naturalmente que a Casa do Gaiato de Moçambique teve de lhes criar um ambiente especial para os acarinharem, desenvolver, educar e instruir.

Três educadoras e duas professoras de infância encarregam-se dessa tarefa, durante o dia, nas escolinhas, construídas especialmente para eles, coloridas e muito bonitas, onde abunda um parque de brincadeiras com bastante sombra de árvores e muitos canteiros de flores.

Na Casa do Gaiato de Setúbal, e penso que nas outras de Portugal também, aos pequeninos nunca faltamos com o jardim-de-infância e a pré-primária logo que começaram a existir nas proximidades, mesmo quando a sua frequência era privilégio das famílias mais abastadas.

Não criámos, nas Aldeias que são as nossas Casas, estes instrumentos pedagógicos por duas razões bem claras: primeiro, porque nunca em nenhuma Casa acolhemos, ao mesmo tempo, número suficiente de crianças que justificasse um investimento desta natureza; segundo, porque sempre nos pareceu mais enriquecedor, para as crianças de tenra idade, a convivência mais próxima com crianças, de ambos os sexos, filhos de famílias, mais ou menos, normais.

Aqui, também o Padre José Maria aceita crianças de fora, de ambos os sexos, por estes e outros motivos.

As crianças com a inocência evidente, o seu à-vontade e o instinto espontâneo alegre e descontraído, concorrem com muito peso para a ambiência de um autêntico espírito de família.

A força das crianças é um poderoso motor de fraternidade entre os Rapazes. Elas são a fonte e o alvo mais apetecido dos afectos.

Criar Rapazes em ambientes separados por idades, é, sob o ponto de vista da minha experiência de mais de meio século, um grave erro educacional.

Nas Casas do Gaiato todos os membros da família se reúnem, sempre, à mesa do refeitório, na Capela e no recreio. São lugares e horas de Comunidade. Evidentemente que os pequeninos não jogam a bola, no campo, com os grandes e muito menos vêem televisão nas mesmas salas. Têm parques e campos à sua medida, mas nos espaços invariavelmente largos, de todas as Casas, há sempre oportunidade para se encontrarem e comunicarem. É, sobretudo, à entrada e saída do refeitório, da Capela que os afectos se trocam.

No penúltimo Jornal referi que durante a revisão de vida, na sala de jantar, os pequeninos se levantavam das mesas e brincavam uns com os outros, sem que ninguém se sentisse perturbado.

O mesmo acontece na igreja, durante os ensaios e nas celebrações. Eles vêm para junto do Altar, correm e brincam, dando-nos a sensação de anjos do Céu que nos ajudam a elevarmo-nos a Deus, que tanto gosta das crianças, segundo o testemunho de Jesus. Topei-os, muitas vezes, às cavalitas dos mais velhos e, até, a organizarem combates de brincadeira em que os maiores são os cavalos e eles os cavaleiros, numa explosão de risos e de alegria de encher a alma...

Padre Acílio

Quem nos dera, respondi! O problema está naqueles e naquelas que queiram dar suas vidas para que estes filhos possam ter vida, à semelhança dos pais e das mães. Não são precisos muitos: um, dois, três... quem sabe? O Pai do Céu sabe e isso nos basta!

Estranhou não lhe ter falado, em primeiro lugar, nas dificuldades

financeiras para realizar o projecto. Também é verdade. Mas, primeiro que tudo está a pessoa com vocação. Tudo o resto virá por acréscimo.

A Igreja que está em Angola tem a palavra decisiva. Todos muito unidos vamos continuar a caminhar.

Padre Manuel António